

# livro de poemas

Poemas de Pe. José de Anchieta Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal

pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui

colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não

cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão

pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo

embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de

Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de

tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno

estado, Tal me fez o teu pecado. Leia mais:

<https://quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

O todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se diga, que é parte, sendo todo. Em todo o sacramento está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em qualquer parte sempre fica o todo. O braço de Jesus não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo, Assiste cada parte em sua parte. Não se sabendo parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos disse as partes todas deste todo. (Soneto de Gregório de Matos)

## POEMAS DE MANOEL MARIA DU BOCAGE

Se é Doce Du bocage Se é doce no recente, ameno  
Estio Ver tocar-se a manhã de etéreas flores, E,  
lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso  
deslizar-se o rio; Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos  
modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar  
sombrio; Se é doce mares, céus ver anilados Pela  
quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os  
corações, floreia os prados, Mais doce é ver-te de  
meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos  
desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Soneto do amor total, de Vinícius de Moraes

Soneto do amor total Amo-te tanto, meu amor... não  
cante O humano coração com mais verdade... Amo-te  
como amigo e como amante Numa sempre diversa  
realidade Amo-te afim, de um calmo amor prestante,  
E te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim,  
com grande liberdade Dentro da eternidade e a cada  
instante. Amo-te como um bicho, simplesmente, De  
um amor sem mistério e sem virtude Com um desejo  
maciço e permanente. E de te amar assim muito e  
amiúde, É que um dia em teu corpo de repente Hei de  
morrer de amar mais do que pude.

Sê Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Douglas Malloch

Maio (François Coppée - tradução de Raimundo Correia) Há um mês foste-te embora; E eu sofro de ti distante, Embalde viceja agora O lilás fresco e odorante. A sós, fujo ao claro brilho Deste céu que me exaspera, Pois aumenta o horror do exílio O esplendor da primavera. Contra os vidros transparentes Da alcova de onde não saio, Batendo as asas trementes Ouço os insectos de Maio. Do sol ao rútilo beijo Cerro os lábios, desgostoso, E só, do lilás desejo O húmido ramo cheiroso; Pois em meio às suas dores, Do lilás, minh'alma em ânsia, Vê teus olhares — nas flores, Teu hálito — na fragrância.

Alphonsus de Guimaraens

A Catedral Entre brumas ao longe surge a aurora, O  
hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o  
arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na  
paz do céu risonho Toda branca de sol. E o sino canta  
em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre  
Alphonsus!" O astro glorioso segue a eterna estrada.  
Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de  
luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus  
olhos tão cansados ponho, Recebe a benção de Jesus.  
E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e  
lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Poe-  
se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho  
Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar.  
E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O céu é todo trevas: o  
vento uiva. Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem  
acoitar o rosto meu. A catedral ebúrnea do meu sonho  
Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro  
que já morreu. E o sino chora em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

(1912), Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua  
última quimera. Somente a Ingratidão — esta pantera  
— Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à  
lama que te espera! O Homem, que, nesta terra  
miserável, Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo.  
Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do  
escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se  
a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa  
mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Moça Linda Bem Tratada (1922) Moça linda bem tratada, Três séculos de família, Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros Burra como uma porta: Paciência... Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto Que a porta de pobre arromba: Uma bomba. Escrito em 1922 por Mário de Andrade, o poema é apontado como uma das primeiras composições modernistas da literatura nacional.

Ola fiz essa escala de poemas baseado na imagem do  
ava,ou seja esta na ordem da imagem base !